
Conversas e mo[vi]mentos em uma cartografia com artistas músicos e poetas de rua na cidade do Rio de Janeiro¹

Danielle Marcia da Gama²
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Este trabalho propõe discutir aspectos comunicacionais suscitados por deslocamentos e intervenções de músicos e poetas de rua, a partir de experiências vividas em campo ao longo de investigação, em andamento, em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. Para tal, utiliza-se uma cartografia sensível, operacionalizada pelas ferramentas da deriva, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os achados da pesquisa até aqui contribuem a um pensamento do lugar em movimento na cidade, em torno de “conversas” sonoras que comunicam distintos desejos de habitá-la e provisórias harmonias na urbe.

Palavra-chave: Comunicação Urbana; cartografia sensível; arte de rua.

Refletir sobre a cidade passa por compreender como seu espaço vai sendo ocupado e reordenado por seus diversos atores em percursos e práticas. Partindo deste interesse, nossa pesquisa com artistas de rua no Rio de Janeiro voltou-se a músicos de bandas de rock que tocam em espaços públicos, poetas de slams e musicistas de fanfarras femininas, considerando-se que suas performances se dispõem em mo[vi]mentos pelos quais seus sujeitos agenciam “conversas” a partir de suas trilhas – sonoras e urbanas. A discussão proposta se insere no campo da Comunicação Urbana (Caiafa, 2017), e como ciência do comum, em Sodré (2014), e das discussões de lugar em Massey (2008). Os percursos investigativos se deram em derivas pela cidade, observando performances e realizando entrevistas semiestruturadas. A cartografia sensível, útil ao estudo focado em territorialidades e nos processos e movimentos empreendidos pelos atores é a ferramenta metodológica utilizada para realizar no terreno uma abordagem das práticas em que se colocam dentro de composições espaciais-afetivas na cidade.

Ao tratar de criações artísticas e estéticas contemporâneas realizadas em espaços públicos, Mons (p. 93, tradução nossa) destaca nas ambiências das ruas fenômenos como o fluxo, o fugaz e a instalação de coisas em “intervalos que abrem o real como em um texto poético”. Nesse sentido, o autor fala de um “contexto comunicacional de movimentos de corpos e coisas passageiras” que resultam em zonas de devir. Já Augoyard

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Técnicas e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS-UFRB). E-mail: dani.dagama@hotmail.com.

(2008, p. 26, tradução nossa) aponta uma configuração ativa das ambiências urbanas, dando destaque, entre outros aspectos, à temporalidade e ao ritmo – assim, propomos, baseada em mo[vi]mentos, como os que vimos cartografando. Nesse sentido, a observação dessas práticas permite pensá-las como promotoras de partilhas sonoras que, trazendo a noção de comunicação em Sodré (2014, p. 11), organizam “partes dispersas” e colocam algo “em comum” – no espaço comum do público, e no plano comum que é a cidade.

Mais além, de modos diversos, compreende-se que tais performances poéticas e musicais comunicam diferentes modos de experienciar a cidade, constituindo-se práticas realizadoras dos espaços nas dimensões da presença, dos usos e afetos que aí acabam se encontrando. Cabe pensar, assim, pela perspectiva de Massey (2008, p. 203), que o lugar é sempre um evento, “[...] em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa”. A autora cunha o termo *throwntogetherness*, para dizer de um “acabar juntos”, referindo-se ao encontro de histórias que conformam um espaço, este, como defende, sempre relacional e temporal. Desse modo, as conversas sonoras aqui discutidas – que acabam acontecendo em breves “harmonias” com outros na urbe – dispõem-se não apenas como modo de sustentar financeiramente seus projetos artísticos, mas de provocar reflexões.

Importante destacar que os espaços entendidos assim, entre constantes trânsitos, estão em permanente disputa por múltiplos desejos e intenções. Um lugar, portanto, em vez de pensado enquanto ponto fixo, trata-se sempre de um lugar no caminho – ou melhor, no meio de caminhos. Nessa moldura, quando o artista ocupa um lugar na cidade não apenas toma uma posição, mas traça trilhas, em relação a outras trilhas e “inten-cidades”.

Referências

AUGOYARD, Jean-François. Faire une ambiance? Conférence inaugurale. In : **Faire une ambiance: actes du colloque international**, 10-12, Grenoble, p. 17-35, 2008.

CAIAFA, J. Apresentação ao Dossiê Comunicação urbana. **Revista Eco Pós**. v. 20. n.3. p. 1-9. 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MONS, Alain. **L'étendue du trouble**: créations contemporaines. Quebec: Liber, 2023.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.